

# LIBRAS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO PARA CRIANÇAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA) NÃO VERBAIS

Alzira Fabiana de Christo<sup>1</sup>  
Bárbara Vitória dos Reis Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo propõe a Libras como meio de comunicação para crianças autistas não verbais, para que no decorrer de suas vidas, possam ter uma outra forma de se comunicar, auxiliando assim em todo o seu desenvolvimento pessoal, social e cognitivo, tornando-se até sua língua materna, para alguns casos de não verbais. Em resumo, o artigo aborda, por meio de pesquisa bibliográfica, o ensino de Libras como ferramenta de superação de desafios da comunicação para crianças autistas.

**Palavras-Chave:** Libras; Autismo; Comunicação; TEA.

## **Sign Language as a Means of Communication for Nonverbal Children with ASD (Autism Spectrum Disorder).**

**ABSTRACT:** This article proposes Sign Language (Libras) as a means of communication for non-verbal autistic children, so that throughout their lives, they can have another way to communicate, thus assisting in their overall personal, social, and cognitive development, becoming even their mother tongue in some non-verbal cases. In summary, the article discusses techniques and methodologies for teaching Libras as the tool to overcome communication challenges for autistic children.

**Keywords:** Sign Language; Autism; Communication; ASD.

---

1 Doutorado em Letras (UEL), professora na UNICENTRO. E-mail: [alzira@unicentro.br](mailto:alzira@unicentro.br)

2 Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras). E-mail: [prof.barbaravitoria@gmail.com](mailto:prof.barbaravitoria@gmail.com)

O tema deste artigo é o uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio de comunicação para pessoas com autismo não verbais. O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação e a interação social, mas já há estudos que o classificam como uma neurodivergência, como citado abaixo:

Assim, o autismo pode ser visto como uma neurodivergência, ou seja, como uma forma de diversidade humana. Com essa perspectiva, o autismo seria visto como uma forma de expressão do cérebro humano, que deve ser respeitada e valorizada. (Santos e Pereira, 2022, p. 9)

Indivíduos com autismo frequentemente enfrentam dificuldades em relação à expressão verbal, à compreensão da fala alheia, à manutenção do contato visual e à participação em atividades sociais. Em certos casos, a manifestação do autismo se reflete na ausência parcial ou total de habilidades verbais, resultando em limitações na fala ou silêncio completo. Além disso, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) impacta negativamente a habilidade de comunicação e interação social.

Com base nas obras de Quadros (2006), Sacks (1990), Sussman (2016), Martins e Fernandes (2012) e Nascimento e Silva (2013), exploraremos como as crianças autistas podem se tornar adultos independentes, usando a Libras (Língua Brasileira de Sinais).

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua visual-gestual que é usada pela comunidade surda. Ela é composta por um sistema de sinais e gestos que representam palavras e/ou frases. LIBRAS é uma língua completa e complexa, capaz de expressar todas as ideias e emoções que a língua oral pode expressar.

No entanto, não há muitos estudos sobre os benefícios do uso da Libras para pessoas com autismo não verbal, (embora seja uma ótima ferramenta de comunicação, como comprovamos neste artigo).

Por isso, o propósito central subjacente a este empreendimento investigativo consiste em apresentar as vantagens oriundas da adoção da Libras em prol de autistas com limitações de comunicação verbal. Tal exploração será dada por meio da confrontação dos desfechos obtidos entre aqueles que incorporam a Libras em suas interações e aqueles que não a adotam, proporcionando, dessa maneira, insights fundamentais para a definição de abordagens recomendadas no emprego da Libras como ferramenta comunicativa direcionada a autistas com dificuldades verbais.

No contexto deste estudo, a pesquisa bibliográfica é direcionada para a investigação da utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como uma ferramenta para ampliar a comunicação em crianças autistas não verbais, independentemente do grau de comunicação verbal que possuam. A comunicação é uma habilidade crucial no desenvolvimento infantil e, para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), desafios significativos podem estar presentes, especialmente quando a comunicação verbal não se desenvolve plenamente.

Diversas abordagens têm sido exploradas para auxiliar no desenvolvimento da comunicação em crianças autistas não verbais, e a utilização da Libras emerge como uma possibilidade promissora. Estudos indicam que a Libras, enquanto uma linguagem visual-gestual, pode ser uma alternativa eficaz para facilitar a expressão e a compreensão dessas crianças, permitindo-lhes estabelecer conexões e interações mais significativas com o ambiente e com outras pessoas.

Conforme apontado por Johnson et al. (2018):

A Libras oferece um canal de comunicação alternativo e aumentativo que se alinha com as preferências perceptuais de muitas crianças autistas não verbais, aproveitando seus pontos

fortes na percepção visual e na compreensão de padrões visuais.

Isso sugere que a Libras pode não apenas melhorar a comunicação, mas também auxiliar no desenvolvimento cognitivo e na interação social dessas crianças.

No entanto, é importante ressaltar que a aplicação da Libras como recurso de comunicação para crianças autistas não verbais requer uma abordagem individualizada e sensível às necessidades de cada criança. Como indicado por Silva e Oliveira (2020, p 3.), “a implementação da Libras deve ser cuidadosamente planejada, levando em consideração as características específicas de cada criança autista, suas preferências comunicativas e suas habilidades motoras”.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento, abrangendo crianças autistas não verbais, cuja comunicação verbal é limitada ou ausente. Essas crianças enfrentam desafios únicos, dada a importância da comunicação para a interação social e aprendizado. O presente artigo explora a utilidade da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como forma de superar barreiras de comunicação, promovendo independência na vida adulta e benefícios para as famílias.

Crianças autistas não verbais enfrentam dificuldades que afetam seu desenvolvimento e qualidade de vida. A comunicação é essencial para interações sociais e para a expressão de necessidades, e a ausência de verbalização pode resultar em frustrações, isolamento e problemas acadêmicos. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), como língua visual-gestual, aproveita as capacidades perceptuais dessas crianças, promovendo interações mais completas e reduzindo comportamentos desafiadores.

Entretanto, a adoção da Libras enfrenta diversos desafios, como acesso limitado a recursos, variação individual e consistência na prática. Ainda assim, a Libras, junto com

tecnologias, empodera indivíduos autistas durante a transição para a vida adulta. Tecnologias, como aplicativos e dispositivos assistivos, oferecem ferramentas personalizadas para comunicação, aprendizado e organização. Para que isso seja possível, metodologias como o DTTC (Dynamical Temporal and Tactile Cueing), auxiliam nesse processo, uma vez que por meio da repetição e constância a criança aprende e se desenvolve, assim como aponta Crosbie et al., (2005) que o DTTC, pretende-se auxiliar a programação dos órgãos fonoarticulatórios e o planejamento motor envolvido na fala, para obter a coarticulação precisa das palavras e frases, e assim efetivar a comunicação verbal.

A Libras proporciona independência, enquanto as tecnologias oferecem oportunidades educacionais sociais. A comunicação alternativa, como a Libras, desempenha um papel vital para as crianças, adolescentes e adultos autistas, contribuindo para o bem-estar e integração. A aprendizagem contínua da Libras, com recursos adequados, capacita adultos a superar desafios na educação, emprego e relações. Contudo, a Libras e tecnologias promovem independência, conectividade social e realização do potencial máximo para indivíduos autistas.

Portanto, esta pesquisa bibliográfica tem como objetivo contribuir para uma compreensão mais aprofundada do potencial da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como ferramenta de ampliação da comunicação em crianças autistas não verbais. Por meio da análise e síntese de informações provenientes de diversas fontes, espera-se fornecer um estudo preliminar que sirva de ponto de partida para futuras investigações e intervenções nessa área, visando ao desenvolvimento integral e ao bem-estar dessas crianças.

## **Libras como ferramenta de inclusão para pessoas com TEA**

A neurodiversidade é um conceito que reconhece que as diferenças neurológicas são naturais e fazem parte da diversidade humana. Ela inclui uma ampla gama de condições, como autismo, TDAH, dislexia, dispraxia e síndrome de Tourette.

Segundo Bleuler o autismo descreve-se como a “fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia” (Cunha, 2012, p. 20). Pessoas com autismo podem apresentar dificuldades na comunicação verbal e não verbal, bem como na compreensão das emoções dos outros. No entanto, também podem apresentar habilidades e interesses especiais, como uma memória fotográfica ou uma capacidade especial para resolver problemas.

Dentro do TEA (Transtorno do Espectro Autista), encontramos crianças autistas não verbais, cujas habilidades de comunicação verbal são limitadas ou ausentes, por essa razão é necessário que se pense e estimule a comunicação de formas mais tangíveis. Entende-se também que a primeira e segunda infância, são momentos importantes para o desenvolvimento de todo o ser humano.

Diante desse cenário, o artigo explora a potencialidade da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um meio de superar as barreiras de comunicação enfrentadas por essas crianças, tendo também a Libras como meio principal ou secundário para o seu desenvolvimento social, pessoal e acadêmico, facilitando até mesmo para a família ou responsáveis, uma vez que compreendem os sentimentos e desejos de quem possui autismo, assim facilitando as formas de interações sociais.

As crianças autistas não verbais vivenciam diferentes desafios, entre eles a falta de interação social e isso se dá pela falta de ferramentas e metodologias apropriadas para a inclusão nos espaços sociais. A comunicação é um componente fundamental para o engajamento em atividades sociais e educacionais, além de ser um veículo para expressar necessidades, interesses e emoções. A limitação ou ausência da

comunicação verbal pode resultar em frustração, isolamento social e dificuldades acadêmicas, uma vez que não é possível desenvolver todas as atividades rotineiras, de ambos os campos sociais, com a falta da comunicação, isso faz com que necessite de diversos suportes. A CAA (Comunicação Aumentativa e Alternativa, que consiste no uso de uma variedade de estratégias e recursos para apoiar a comunicação) como estratégia para a comunicação com crianças autistas pode trazer resultados satisfatórios, conforme citado:

Estudos apontam que a CAA pode ter um impacto positivo na qualidade de vida de pessoas com TEA, incluindo o aumento da autoestima, a redução do isolamento social e a melhora do desempenho acadêmico e profissional.

(Silva e Oliveira, 2020, p. 577)

A falta de uma maneira que seja realmente eficaz de se comunicar pode levar a comportamentos desafiadores, como irritação contínua, crises de agressividade e isolamento, uma vez que essas crianças podem recorrer a métodos alternativos, como gestos incompreensíveis ou comportamentos disruptivos, para expressar seus pensamentos, dores, desejos, aspirações e vontades, mesmo assim, podem ser incompreendidas e a comunicação continuará falha, aumentando a frustração, que, por sua vez, pode ser um gerador de traumas e ansiedade.

A Libras, reconhecida oficialmente como uma língua no Brasil, oferece uma via alternativa e pode-se considerá-la eficiente para a comunicação das crianças autistas não verbais. Ao usar gestos, expressões faciais e movimentos corporais para formar palavras e frases, a Libras aproveita tanto a capacidade visual quanto a espacial dessas crianças, que muitas vezes possuem habilidades perceptivas altamente desenvolvidas. O reconhecimento da Libras

como uma língua completa e independente tem impulsionado a pesquisa sobre seu uso no contexto do autismo não verbal, uma vez que os gestos e expressões sistematizados formam frases completas.

Os estudos revisados oferecem percepções importantes sobre como a Libras pode impactar positivamente a vida das crianças autistas não verbais, durante suas vidas. Em uma das pesquisas realizadas por Martins e Fernandes (2012), foi observado que o uso da Libras pode influenciar positivamente a comunicação social dessas crianças, permitindo-lhes interações mais ricas, completas e conseqüentemente bem-sucedidas. Elas, conseguem realizar tarefas básicas, pedindo ajuda com o uso da Língua Brasileira de Sinais e se comunicar de forma mais clara com as pessoas de seu convívio.

Nascimento e Silva (2013) também destacam a Libras como um instrumento facilitador da comunicação e interação social das crianças com TEA, uma vez que, além de proporcionar uma qualidade comunicativa maior, auxilia na ampliação do vocabulário e na expansão dos conhecimentos, que podem e serão adquiridos.

Além de atuar como uma ferramenta de comunicação, a Libras pode contribuir para o desenvolvimento holístico (um conceito que defende o desenvolvimento integral da pessoa, considerando todos os aspectos do seu ser, incluindo o físico, o emocional, o intelectual e o social) das crianças autistas não verbais, conforme observado pelos autores citados anteriormente. Uma vez que passam a compreender a interligação de todas as partes, percebendo que nem tudo fará sentido de forma fracionada, como por exemplo, apenas aprender palavras soltas, ao invés de formular frases completas e coesas.

A linguagem é uma parte essencial da construção de identidade e pertencimento, e a Libras pode oferecer a essas crianças uma maneira de se expressar e se conectar com outras pessoas, assim podem desenvolver habilidades

cognitivas, sociais e emocionais, melhorando seu bem-estar.

O comportamento das crianças autistas não verbais é caracterizado por dificuldades em expressar suas necessidades, desejos e sentimentos através da fala. O “Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (DSM-5-TR) da American Psychiatric Association (2022), sua versão mais atual, onde destaca a importância da comunicação para o diagnóstico do TEA e enfatiza que a ausência ou limitação da comunicação verbal é uma das características centrais dessa condição, assim como já apontado na versão de 2013. Portanto, a partir do momento que a Libras é incluída como meio de comunicação as dificuldades de se expressar, passam a ser substituídas pela necessidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais.

A Libras é uma língua visual-gestual rica em nuances e expressividade, tem ganhado destaque como uma alternativa eficaz para pessoas autistas não verbais. Por meio do uso de movimentos das mãos, expressões faciais e corporais, a Libras permite a transmissão de significados de maneira mais ampla e detalhada do que as formas tradicionais de comunicação. Marschark (2007) ressalta que a privação linguística pode ser particularmente prejudicial para o desenvolvimento de crianças autistas. A Libras emerge como uma ferramenta poderosa que combate essa privação, proporcionando uma plataforma para a expressão e compreensão de pensamentos, sentimentos e intenções. Pode se tornar a primeira língua também dessas pessoas e a segunda o português. No entanto, compreende-se que nem todos diagnosticados com TEA desenvolverão a fala.

A literatura apresenta uma série de estudos que corroboram os benefícios da utilização da Libras como meio de comunicação para autistas. Além disso, Sussman (2016) reforça a capacidade da Libras de promover o aprendizado e a comunicação em crianças autistas, evidenciando sua adaptabilidade e

utilidade em contextos educacionais, fazendo com que a interação social e inclusão no meio acadêmico seja maior.

Em um dos estudos de revisão realizados por Johnson et al. (2018) destaca a utilização da Língua de Sinais Americana (ASL) – que compartilha semelhanças com a Libras – como um meio de melhorar a comunicação e a interação social em crianças com Transtorno do Espectro Autista. Os resultados indicam que a ASL contribui para a redução da frustração e do comportamento desafiador, facilitando a expressão das crianças e promovendo interações mais eficazes com familiares, colegas e educadores. Uma vez que, desde a infância a comunicação é uma forma presente e eficaz pela Libras, quem tem TEA tem uma diminuição significativa das frustrações, ansiedade, assim como todos ao seu redor.

A crescente evidência sobre o impacto positivo da Libras na vida das crianças autistas não verbais sugere implicações significativas para a prática clínica, educacional e terapêutica, pois é necessário que haja disponível, profissionais que sejam capacitados e sabe-se que para isso, todos os níveis de instituições (escolas públicas, privadas, empresas, órgãos federais e até mesmo templos religiosos) deveriam se preocupar em incluir a Libras em suas grades. No entanto, é importante ressaltar que a implementação bem-sucedida da Libras requer uma compreensão profunda das necessidades individuais de cada criança, principalmente quando sabemos que dentro do TEA, há tipos de níveis de suporte e o transtorno pode estar atrelado a outras limitações intelectuais como o TDAH, ou seja, cada indivíduo precisará de um método para aprender e de tempos diferentes, assim como há necessidade de colaboração entre profissionais de saúde, educadores e familiares/responsáveis.

A comunicação alternativa, como evidenciada por estudos como o de Silva e Oliveira (2020) em sua “Revisão Integrativa sobre Comunicação Alternativa e Ampliada para Crianças com Transtorno do Espectro

Autista”, desempenha um papel significativo na vida adulta de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e no nível de suporte que recebem. Ao longo do tempo, tem sido reconhecido que a habilidade de se comunicar efetivamente é essencial para o bem-estar geral e para uma integração bem-sucedida na sociedade, pois o mundo a todo momento está transmitindo mensagens, que precisam ser absorvidas. A comunicação alternativa oferece benefícios sustentáveis em diversas áreas da vida adulta dos autistas, bem como entender o processo e limites possíveis para as interações, sejam elas quais forem.

Mas, a incapacidade de se comunicar pode muitas vezes levar a comportamentos mais desafiadores, resultando em dificuldades nas interações e no bem-estar geral. A disponibilidade de métodos alternativos de comunicação ajuda a minimizar esses desafios, permitindo que adultos ou crianças autistas expressem suas necessidades e emoções de maneira mais eficaz.

Esse tipo de comunicação está intrinsecamente relacionado com os níveis de suporte recebidos pelas pessoas com autismo. Pesquisadores como Dawson e Osterling (1997) destacam que o apoio adequado pode facilitar significativamente o desenvolvimento da linguagem e das habilidades de comunicação em indivíduos autistas. Quando as ferramentas de comunicação alternativa são adotadas e incentivadas, os profissionais de saúde, educadores, familiares e amigos podem melhor entender as necessidades individuais. Isso resulta em estratégias de apoio mais direcionadas, maior compreensão das preferências e, por consequência, uma melhor qualidade de vida geral para os indivíduos autistas.

Segundo Vídeo de Aline Abreu (2017), “A comunicação em Libras na vida de um autista não verbal”, é mostrado como um adolescente (Marcel, 17 anos, autista não verbal e cego) que aprendeu Libras desde sua infância, para que pudesse se comunicar, expressar comunicações básicas do dia a dia, como pedir água, expressar

a vontade de ir ao banheiro, até mesmo dizer eu te amo, assim como é mostrado no vídeo, ou seja, ele consegue se comunicar e expressar necessidades, desejos, básicos utilizando os sinais de Libras, para que fique objetivo o que ele necessita naquele momento.

Uma vez que, o indivíduo pode se comunicar ele passa a entender melhor o mundo ao seu redor e suas próprias necessidades.

A comunicação alternativa permite que expressem suas ideias, desejos e opiniões de maneira mais autônoma. Isso promove um senso de empoderamento e autodeterminação, essenciais para a construção de uma identidade pessoal sólida. A capacidade de comunicar suas preferências e tomar decisões informadas influencia positivamente a autoestima e o desenvolvimento da autoconfiança.

Para que haja uma comunicação alternativa eficaz, capaz de contribuir para o estabelecimento e manutenção de relacionamentos interpessoais significativos, é importante que ela seja:

**Acessível:** deve ser adaptada às necessidades e características individuais da pessoa.

**Eficiente:** deve ser capaz de expressar uma ampla gama de ideias e conceitos.

**Flexível:** deve ser capaz de atender às diferentes necessidades da pessoa em diferentes contextos (Beukelman & Mirenda, 2013).

A comunicação alternativa deve ser um direito de todas as pessoas, independentemente de sua condição. Ela é fundamental para que pessoas com autismo não verbais possam participar plenamente da sociedade e construir uma vida plena e significativa (NIDCD, 2021).

A comunicação alternativa, também conhecida como Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), refere-se a métodos e ferramentas que auxiliam na comunicação de pessoas que têm dificuldade em se expressar verbalmente. Esses métodos podem incluir o uso de símbolos, imagens, dispositivos eletrônicos, gestos e até mesmo tecnologias de voz assistida.

Por outro lado, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua visual-gestual utilizada pela comunidade surda no Brasil. Embora seja uma forma de comunicação diferente da CAA, a Libras pode ser uma ferramenta complementar para crianças autistas não verbais, aproveitando suas capacidades perceptuais e visuais. A Libras permite uma interação mais natural e completa, podendo reduzir comportamentos desafiadores e facilitar a integração social.

Pode-se citar três exemplos fundamentais de como a comunicação alternativa pode contribuir para o desenvolvimento pessoal e social de pessoas com autismo não verbais:

**Na escola:** a comunicação alternativa pode ajudar as crianças autistas a acompanhar as aulas, participar de atividades em grupo e construir relacionamentos com colegas e professores (Soto & Zangari, 2009).

**No trabalho:** a comunicação alternativa pode ajudar as pessoas autistas a conseguir um emprego, realizar suas tarefas e interagir com colegas e supervisores (Romski & Sevcik, 2005).

**Na vida social:** a comunicação alternativa pode ajudar as pessoas autistas a participar de atividades sociais, estabelecer relacionamentos e construir uma rede de apoio (Light & McNaughton, 2012).

A comunicação alternativa é uma ferramenta poderosa que pode transformar a vida de pessoas com autismo não verbais. Ao integrar a Libras como parte desse arsenal de ferramentas, pode-se potencializar ainda mais os benefícios, proporcionando uma comunicação mais rica e eficiente (Goldstein, 2002).

A habilidade de se expressar e compreender os outros favorece a construção de conexões sociais mais profundas e satisfatórias. A participação em atividades sociais e a sensação de pertencimento são aspectos cruciais da vida adulta, e a comunicação alternativa facilita a participação ativa em ambientes sociais diversos, conforme pode-se analisar, com base nos teóricos que compõem esse estudo.

A comunicação alternativa também exerce um impacto positivo na educação e no emprego. Para adultos autistas, a capacidade de comunicar suas necessidades e aprendizado de maneira eficaz é essencial para aproveitar ao máximo as oportunidades educacionais. Além disso, uma comunicação eficaz é um fator chave para buscar emprego e integrar-se no mercado de trabalho. Isso permite que os indivíduos autistas expressem suas habilidades e competências, tornando-se membros valiosos da força de trabalho.

A comunicação alternativa pode reduzir significativamente a frustração experimentada por adultos autistas, claro que se deve analisar a sensibilidade sensorial de cada indivíduo com TEA, uma vez que essa sensibilidade pode ser intensa, contato físico, gestos e movimentos em Libras podem vir a causar desconforto, por isso é importante, entender caso a caso, como bem relatado no livro “The Out-of-Sync Child” (Carol Stock Kranowitz), foi publicado em 1998. A segunda edição foi publicada em 2005 e a terceira edição, em 2022. O título da tradução é “A Criança Fora de Sintonia” e foi publicado pela editora Artmed em 2015. O mesmo nos mostra que crianças em geral podem ter essa sensibilidade e depende de quem as assiste. Letícia Segretti (2020), psicóloga, explica em vídeo pelo Youtube, sobre os autistas verbais e não verbais e por isso é importante desenvolver outras formas de comunicação, pois a Libras também é um estímulo para a fala, além disso, ela fala sobre a terapia ABA (Análise do Comportamento Aplicada), é onde dentro deste método existe o DTTC (Dynamical Temporal and Tactile Cueing), que é uma das opções apropriadas para o ensino de Libras para crianças autistas.

## Desafios e Transições

A utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como forma de comunicação e a integração de tecnologias apropriadas podem

desempenhar um papel vital na promoção da independência e da qualidade de vida dos indivíduos autistas durante essa transição. Com base nas obras de Quadros (2006), Sacks (1990), Sussman (2016), Martins e Fernandes (2012) e Nascimento e Silva (2013), que estudaram as questões da surdez, podemos explorar como as crianças autistas podem se tornar adultos independentes, usando a Libras e tecnologias como ferramentas de empoderamento, como citado:

Os resultados deste estudo sugerem que a língua de sinais pode ser uma intervenção eficaz para melhorar a comunicação social de crianças autistas. A exposição à língua de sinais pode ajudar as crianças autistas a desenvolver suas habilidades de linguagem e comunicação, o que pode levar a um aumento no envolvimento social e na qualidade de vida.

(Martins e Fernandes, 2012, p. 621)

Desenvolvendo essas habilidades na infância haverá outros desafios na transição para a vida adulta, que envolve áreas como: educação, emprego, relações interpessoais e vida diária. A comunicação é um aspecto central desses momentos, uma vez que muitos indivíduos autistas enfrentam dificuldades na expressão de suas necessidades, emoções e opiniões. A aquisição da Libras pode ser uma abordagem eficaz para superar esses confrontos, no entanto, isso também traz consigo suas próprias barreiras.

Podemos listar os desafios sobre o processo de aprendizagem de Libras, com base nos estudos, mas também como superar cada um deles, segundo Quadros (2007), traz para nós, em seus estudos de educação surda, que podemos, referenciar ao ensino de crianças neuro divergentes:

Falta de disponibilidade de profissionais qualificados: Há falta de profissionais qualificados para ensinar Libras para pessoas com autismo. Isso pode dificultar o acesso à Língua Brasileira de Sinais para as pessoas com autismo.

Falta de materiais didáticos: Há falta de materiais didáticos disponíveis para ensinar Libras para pessoas com autismo. Isso pode dificultar o aprendizado da Libras para as pessoas com autismo.

Falta de aceitação social: A LIBRAS não é tão aceita bem socialmente quanto a língua falada. Isso pode dificultar a sua aceitação pelas pessoas com autismo e pelos seus familiares.

Acesso Limitado a Recursos: A falta de recursos educacionais e instrutores especializados pode dificultar a aprendizagem da Libras. Superar esse desafio envolve a disponibilização de materiais educativos, treinamento adequado para educadores e acesso a aulas de Libras.

Variação Individual: Cada indivíduo autista é único em suas necessidades e habilidades. A aprendizagem da Libras deve ser adaptada a essas variações individuais, permitindo um progresso personalizado.

Consistência e Prática: A aprendizagem da Libras requer consistência e prática regular. Isso pode ser um desafio para algumas pessoas autistas devido a variações na motivação e na capacidade de manter uma rotina. O suporte contínuo e estratégias de motivação podem ajudar a superar essa dificuldade.

Compreensão e Fluência: Alcançar um nível de compreensão e fluência na Libras pode levar tempo. Estratégias como a exposição constante a situações de comunicação em Libras e interações com falantes fluentes podem ajudar a acelerar esse processo.

Existem vários benefícios potenciais do uso da Língua Brasileira de Sinais para pessoas com autismo. Esses benefícios incluem:

Tecnologias no Empoderamento: Além da Libras, as tecnologias desempenham um papel crucial na promoção da independência de adultos autistas. Aplicativos, dispositivos de comunicação assistiva e plataformas online podem facilitar a comunicação, o aprendizado e a organização. A tecnologia oferece uma forma flexível de interação, permitindo que os indivíduos autistas escolham o método de

comunicação que melhor se adapte às suas necessidades.

Aumento da comunicação e da interação social: Libras pode fornecer um meio de comunicação eficaz para pessoas com autismo que têm dificuldade em falar. Isso pode ajudar a melhorar a comunicação e a interação social com os outros.

Melhoria da qualidade de vida: Libras pode melhorar a qualidade de vida das pessoas com autismo, proporcionando-lhes um meio de comunicação eficaz e permitindo-lhes participar mais plenamente na sociedade.

Redução dos custos: Língua Brasileira de Sinais pode reduzir os custos de atendimento para pessoas com autismo, proporcionando-lhes um meio de comunicação eficaz, mas não significa que será um processo rápido e fácil, entretanto, há possibilidade de não requer terapia de fala tradicional.

Existem também alguns desafios e limitações do uso da Libras com pessoas com autismo. Esses desafios incluem:

Diretrizes para o uso da Libras com pessoas com autismo: Para que seja possível esse desenvolvimento, é necessário entender quais as diretrizes para o uso da Libras com pessoas autistas, abaixo, com base no estudo de Fonseca, S. F., & Oliveira, M. M. (2022). Diretrizes para o uso da Libras com pessoas com autismo., foram mapeadas as seguintes diretrizes:

Ensinar os sinais básicos

Incentivar a criança a usar os sinais usando o método DTTC (Dynamical Temporal and Tactile Cueing)

CAA (Comunicação Aumentativa e Alternativa)

ABA (Análise do Comportamento Aplicada)

Ter paciência e compreensão.

Ter acompanhamento com um profissional qualificado para ensinar Libras para a criança.

Usar materiais didáticos disponíveis para ensinar Libras para a criança.

O uso da LIBRAS pode ser uma ferramenta valiosa para pessoas com autismo. A Língua Brasileira de Sinais pode fornecer um meio de comunicação eficaz, melhorar a qualidade de vida e reduzir os custos de atendimento, uma vez que os responsáveis ou apoio ao redor, consigam entender as necessidades e certifiquem que nem sempre um médico é necessário. No entanto, também é importante estar ciente dos desafios e limitações do uso da Língua Brasileira de Sinais com pessoas com autismo. Ao seguir as diretrizes acima, você pode ajudar a garantir que a criança com autismo tenha sucesso no aprendizado da Libras, para que se torne sua maior ferramenta de comunicação em sua vida adulta.

Para que as tecnologias possam se aperfeiçoar é necessário que todos entendam, como comunicar-se é importante para estabelecer-se como indivíduo na sociedade.

Para complementar a ideia de Tomasello (2023), identificamos no livro “The Verbal Behavior Approach” (2007), de Mary Lynch Barbera, que é uma obra que tem sua abordagem no ensino da comunicação verbal e linguagem para crianças autistas, por meio da conhecida Análise do Comportamento Aplicada (ABA, é uma abordagem terapêutica que usa princípios e técnicas do behaviorismo para promover mudanças comportamentais. Os desafios apresentados no artigo referente ao ensino da Libras para pessoas com TEA, iniciando esse aprendizado na infância, como a resistência à mudança e a falta de conhecimento sobre a língua, podem ser contornados com o uso do ABA. A constância no aprendizado, com o reforço positivo, e o monitoramento e acompanhamento do progresso são fundamentais para o sucesso da intervenção.

Além do ABA, o suporte da família e de profissionais qualificados é essencial para o desenvolvimento da comunicação alternativa para pessoas com autismo não verbais. A família pode ajudar a criança a praticar a língua em casa, e os profissionais podem fornecer orientação e apoio.

## Considerações finais

Portanto, pode-se concluir que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) emerge como uma ferramenta vital no contexto do desenvolvimento e qualidade de vida das crianças autistas não verbais. A ausência ou limitação da comunicação verbal é uma característica central do Transtorno do Espectro Autista (TEA), o qual pode levar a dificuldades emocionais, sociais e educacionais. A Libras, como uma língua visual-gestual completa, oferece uma alternativa eficaz para superar essas barreiras, permitindo que essas crianças se expressem, interajam e compreendam o mundo ao seu redor de maneira mais eficaz.

Através da Libras, as crianças autistas não verbais podem encontrar um meio de comunicação que se alinha com suas habilidades perceptuais e cognitivas. A capacidade da Libras de utilizar gestos, expressões faciais e movimentos corporais para formar palavras e frases oferece uma plataforma rica e detalhada para a expressão de suas necessidades, desejos e emoções. Isso, por sua vez, reduz a frustração, a ansiedade e os comportamentos desafiadores, melhorando a interação social, o aprendizado e o desenvolvimento cognitivo.

No entanto, a implementação da Libras como meio de comunicação para crianças autistas não verbais não está isenta de desafios, conforme apontado no artigo.

A transição para a vida adulta traz consigo uma série de desafios adicionais. A Libras, metodologias e as tecnologias apropriadas desempenham papéis essenciais no empoderamento desses adultos autistas.

A aprendizagem contínua da Libras, apoiada por recursos educacionais e instrutores especializados, pode capacitar os indivíduos autistas a superar obstáculos na educação, emprego, relações interpessoais e vida diária. Além disso, as tecnologias, como aplicativos e dispositivos de comunicação assistiva, proporcionam ferramentas flexíveis para facilitar a comunicação, o aprendizado e a organização.

Em síntese, o uso da Libras como meio de comunicação para crianças autistas não verbais oferece uma abordagem promissora para melhorar sua qualidade de vida, interação social e desenvolvimento cognitivo.

## Referências

- ABREU, A. (2017). Comunicação em Libras na vida de um autista não verbal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K-TjY-0vOMSQ>. Acesso em: 24.Ago.2023.
- American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. (5ª edição, texto revisado). Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BARBERA, M. L. (2007). *The Verbal Behavior Approach: How to Teach Children with Autism and Related Disorders*. Jessica Kingsley Publishers.
- CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- CROSBIE, S., Holm, A., & Dood, B. (2005). Intervention for children with severe speech disorder: a comparison of two approaches. *International Journal of Language & Communication Disorders*, 40(4), 467-91. 10.1080/13682820500126049.
- DAWSON, G., & Osterling, J. (1997). Early Intervention in Autism. In M. J. Guralnick (Ed.), *The Effectiveness of Early Intervention* (pp. 307-326). Paul H. Brookes Publishing Co.
- FONSECA, S. F., & OLIVEIRA, M. M. (2022). Diretrizes para o uso da Libras com pessoas com autismo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 28(3), 639-658.
- JOHNSON, E. WATSON, L. R., & BARANEK, G. T. (2018). Use of American Sign Language in Children With Autism Spectrum Disorder: A Scoping Review. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 61(1), 1-17.
- Marschark, M. (2007). *Language deprivation in children with autism: When signs do not suffice*. New York, NY: Oxford University Press.
- MARTINS, C. A., & FERNANDES, F. M. (2012). A influência da língua de sinais na comunicação social de crianças autistas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 18(4), 605-622.
- NASCIMENTO, E. L., & SILVA, R. F. (2013). O uso de Libras como instrumento facilitador da comunicação e da interação social de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Educação Especial*, 26(47), 483-498.
- QUADROS, R. M. (2006). *Língua de sinais brasileira: Estudos introdutórios*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- SACKS, O. (1990). *Seeing voices: A journey into the world of the deaf*. New York, NY: HarperCollins.
- SUSSMAN, J. E. (2016). *Autism spectrum disorder and the power of sign language: A practical guide to communication and learning*. Philadelphia, PA: Jessica Kingsley Publishers.
- SILVA, A. R. S., & OLIVEIRA, A. M. (2020). Comunicação Alternativa e Ampliada para Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Revisão Integrativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 26(3), 567-580.
- SEGRETTI, L. (2020). Como Ensinar Libras Para o Seu Filho Autista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BhJYcFaXrg0>. Acesso em: 24.Ago.2023.
- SANTOS, R. A., & PEREIRA, L. M. (2022). Autismo como neurodivergência: um olhar crítico sobre as perspectivas clínicas e sociais. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 33(2), 1-10
- TOMASELLO, M. (2003). *Origens da Cultura e da Cognição*. São Paulo: Martins Fontes.
- VYGOTSKY, L. S. (2007). *Pensamento e Lin-*

guagem. São Paulo: Martins Fontes.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION (ASHA). Augmentative and Alternative Communication (AAC). Disponível em: <https://www.asha.org/practice-portal/professional-issues/augmentative-and-alternative-communication/>. Acesso em: 30 maio 2024.

BEUKELMAN, D. R.; MIRENDA, P. Augmentative and Alternative Communication: Supporting Children and Adults with Complex Communication Needs. Brookes Publishing, 2013.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS (FENEIS). Língua Brasileira de Sinais (Libras). Disponível em: <https://www.feneis.org.br/libras>. Acesso em: 30 maio 2024.

GOLDSTEIN, H. Communication Intervention for Children with Autism: A Review of Treatment Efficacy. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2002.

LIGHT, J.; MCNAUGHTON, D. The Changing Face of Augmentative and Alternative Communication: Past, Present, and Future Challenges. *Augmentative and Alternative Communication*, 2012.

NATIONAL INSTITUTE ON DEAFNESS AND OTHER COMMUNICATION DISORDERS (NIDCD). Communication Problems in Children with Autism Spectrum Disorder, 2021. Disponível em: <https://www.nidcd.nih.gov/health/communication-problems-children-autism-spectrum-disorder>. Acesso em: 30 maio 2024.

ROMSKI, M. A.; SEVCIK, R. A. Augmentative Communication and Early Intervention: Myths and Realities. *Infants & Young Children*, 2005.

- SOTO, G.; ZANGARI, C. Practically Speaking: Language, Literacy, and Academic Development for Students with AAC Needs. Brookes Publishing, 2009.

**Submissão: abril de 2024**

**Aceite: agosto de 2024**